

AS MARCAS DO TEMPO NO CORPO FEMININO: UMA LEITURA DO CONTO “A PROCURA DE UMA DIGNIDADE”, DE CLARICE LISPECTOR

THE MARKS OF TIME ON THE FEMALE BODY: A READING OF THE SHORT STORY *A PROCURA DE UMA DIGNIDADE*, BY CLARICE LISPECTOR

Marcos Antônio Fernandes dos Santos¹
Ilka Vanessa Meireles Santos²

RESUMO

O conto é caracterizado como uma narrativa que, apesar de sua curta extensão, é rico em reflexões e significados, explorando certamente os mais diversos aspectos relacionados à vida/existência humana. Na literatura brasileira, a escritora Clarice Lispector é uma das grandes representantes desse gênero, e entre tantas facetas, é conhecida por explorar temáticas que revelam o íntimo do ser humano, lançando olhares para os mais íntimos lugares de existência. Suas personagens são complexas e, por isso, possuem também uma psicologia densa. Neste trabalho, o objetivo é investigar sobre as marcas do tempo no corpo feminino, representado através da escrita de “A procura de uma dignidade”, conto da autora, presente na obra *Onde estivestes de noite*. A metodologia utilizada para a construção do trabalho tem abordagem qualitativa e quanto aos procedimentos, é bibliográfica. Consiste em uma análise teórico-crítica sobre a narrativa, e para tanto, o suporte teórico é construído através da contribuição de autores como Elódia Xavier (2007), Simone de Beauvoir (1990), Michael Foucault (2004), entre outros. A leitura atenta do conto, por sua vez, evidencia ao leitor as dificuldades existentes na aceitação da velhice do corpo, das marcas impressas pelo tempo na carne da mulher. Essas marcas, ao mesmo tempo, são sinônimo da força que a idade carrega e de que nunca é tarde para buscarmos em nosso interior a verdadeira essência do existir. Viver, assim, é um complexo exercício de conviver com nós mesmos, quando nem sempre somos capazes de nos reconhecer. O corpo, nesse sentido, é a morada que nos prende, mas que simultaneamente nos liberta.

Palavras-chave: Representação feminina; Corpo; Tempo; Velhice.

ABSTRACT

The tale is characterized as a narrative that, despite its short length, is rich in reflections and meanings, exploring accurately the most diverse aspects related to human life/existence. In Brazilian literature, the writer Clarice Lispector is one of the great representatives of this genre, and among many facets, is known for exploring themes that reveal the interior of the human being, casting glances at the most intimate places of existence. His characters are complex and,

¹ Mestre em Letras (Teoria Literária), pela Universidade Estadual do Maranhão; Doutorando em Letras (Estudos Literários), pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Professor Substituto do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: marcossantos@professor.uema.br

² Mestra em Letras (Teoria Literária) pela UEMA e Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. É membra do grupo de pesquisa Literatura e Vida (GPLV). Atualmente é professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - Campus Santa Inês. E-mail: ilka.santos@ifma.edu.br

therefore, also have a dense psychology. In this work, the objective is to investigate about the marks of time in the female body, represented through the writing of *A procura de uma dignidade*, the author's short story, present in the work "Onde estivestes de noite". The methodology used for the construction of the work has a qualitative approach and as for the procedures, it is bibliographical. It consists of a theoretical-critical analysis of the narrative, and for that, the theoretical support is built through the contribution of authors such as Elódia Xavier, Simone de Beauvoir, Michael Foucault, among others. The attentive reading of the tale, in turn, evidences to the reader the difficulties existing in the acceptance of the old age of the body, of the marks imprinted by time on the flesh of the woman. These marks, at the same time, are synonymous with the strength that age carries and that it is never too late to seek within us the true essence of existence. Living, like this, is a complex exercise of living with ourselves, when we are not always able to recognize ourselves. The body, in this sense, is the abode that binds us, but that simultaneously frees us.

Keywords: Female representation; Body; Time; Oldness.

Introdução

Ao longo de diferentes épocas e contextos, a representação do corpo feminino na literatura reflete condutas sociais, culturais e históricas, sendo muitas vezes idealizado, objetificado ou usado para expressar perspectivas simbólicas e culturais. Segundo afirmam Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 24), “cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, constrói as particularidades do seu corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, cria os seus próprios padrões”. Desse modo, entende-se o corpo como parte de uma estrutura de representação simbólica complexa.

Algumas produções literárias reforçam moldes patriarcais, enquanto outras apresentam traços de transgressão de padrões pré-estabelecidos. As discussões sobre esse tipo de representação inclui questões como o empoderamento, sexualidade e identidade, principalmente quando se refere ao corpo feminino, pois, se durante os séculos passados, com maior influência do patriarcado, a mulher estava destinada ao espaço privado, exercendo apenas o papel de esposa, mãe e ‘rainha do lar’, tendo todas as suas ações controladas pelo marido; no período atual, após várias transformações sociais, políticas e econômicas, a mulher adquiriu novas conquistas e passou a exercer novas funções sociais, tendo mais autonomia e ocupando mais espaços na sociedade contemporânea, ou seja, as transformações do corpo feminino acompanham os ideais de cada época, como descreve Freyre (2006):

A verdade é que a especialização de tipo físico e moral da mulher, em criatura franzina, neurótica, sensual, religiosa, romântica, ou então, gorda, prática e caseira, nas sociedades patriarcais e escravocráticas, resulta, em grande parte dos fatores econômicos, ou antes, sociais e culturais, que a comprimem, amolecem, alargam-lhe as ancas, estreitam-lhe a cintura, acentuam-lhe o arredondado das formas, para melhor ajustamento de sua figura aos interesses do sexo dominante e da sociedade organizada sobre o domínio exclusivo de uma classe, uma raça e de um sexo (Freyre, 2006, p. 210).

Nota-se que, durante muito tempo, a mulher foi representada pela ótica do sujeito enunciativo masculino, fato que contribui para criação de comportamentos e funções sociais estereotipadas para ambos os gêneros, “tornando verdades absolutas inquestionáveis e santificadas. Tece-se, assim, a naturalização da aceitação cultural do lugar da mulher e do homem na sociedade, legitimando a relação de hierarquia do poder entre os gêneros” (Silva, 2012, p. 05). Essa instituição de papéis sociais determinados refletem todas as fases da vida, inclusive presente na distinção da velhice de ambos, em que nesse contexto as mulheres enfrentam muitas dificuldades e preconceitos.

Assim, observa-se que a sociedade contemporânea contempla o corpo belo, jovem e magro, em que a aparência física se tornou objeto de preocupação das relações sociais. Conforme analisa Reis (2002), nessa relação de dominação do sexo masculino, a mulher é submetida a pressões estéticas e desafiada a vencer os efeitos do tempo, o que constitui mais um obstáculo nessa relação de desigualdade entre os gêneros, como demonstra a autora:

Aos homens, e até hoje só a eles, é dado o direito de apresentar rugas, calvície, gordura em excesso, cabelos brancos, etc. Tudo enfim, que configura seu processo natural de envelhecimento, e que é rejeitado nas mulheres, nos homens, lhes acentua a virilidade e o seu poder de sedução[...] Engordar, envelhecer, perder os cabelos, nada disso serve de obstáculo ao poder masculino de sedução (Reis, 2002, p. 89).

Nesse sentido, envelhecer e ser mulher numa sociedade pautada nos ideais machistas tornam-se extremamente complexos, pois, como se observa na citação acima, o direito ao envelhecimento é negado às mulheres, em que nessas relações de dominação é estabelecido “o poder de nomear, descrever, classificar, identificar e diferenciar – o poder de definir, enfim, quem está incluído e quem está excluído de quais grupos/posições sociais (Meyer, 2000, p. 58).

Seguindo esse viés, é que se considera importante ressaltar a ressignificação dos papéis femininos a partir da literatura, principalmente nas narrativas de autoria feminina, em que se verifica a quebra de paradigmas, ou seja, transporta-se dos modelos tradicionais sugeridos para a mulher para a desconstrução dos padrões vigentes. É nessa perspectiva que está inserida a escrita de Clarice Lispector, em que se pretende demonstrar os efeitos da marca do tempo no corpo feminino.

A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR

A escritora Clarice Lispector se destaca no cenário literário brasileiro, ao fazer o confronto com o ser, o mundo e com ela mesma. Assim, tem-se nas palavras de Silva (2000) sua análise a respeito da obra de Clarice Lispector:

Clarice Lispector instaurou um projeto de escrita ao qual inseriu suas convicções, suas hesitações e forçou os esquemas convencionais dos gêneros que cultivou: o romance, o conto, a crônica. Tocou profundamente o poético, elaborando um texto “quase-prosa, quase-verso”, desarticulando as expectativas, conferindo a estes gêneros a marca de seu estilo, renovando-os, conduzindo a fronteiras de difícil superação, legitimando o direito à permanente pesquisa estética, impedindo a estagnação do fazer poético (Silva, 2000, p. 124).

Desse modo, é por meio de um estilo próprio que Clarice Lispector proporciona ao leitor a possibilidade de refletir sobre clichês sociais, posturas que, por vezes, estão cristalizadas no nosso cotidiano, por meio de narrativas densas, expondo problemáticas existenciais em que prevalecem as sensações e o fluxo de emoções das personagens, geralmente femininas, as quais apresentam angústias individuais.

Nesse sentido, a marca da escrita de Clarice Lispector é demonstrada pela forma como a autora se comunica com o mundo, ou seja, as palavras não são usadas de forma direta e objetiva e, sim, enunciadas de um modo fragmentado e introspectivo. Nota-se, nas obras de Clarice, sua capacidade de captar situações corriqueiras para, em seguida, apresentar o questionamento do ser, o estar no mundo, explorar o ser humano, resultando em certa ambiguidade a qual é materializada no jogo de antíteses entre o eu e o não-eu, entre o ser e o não-ser. Assim, a própria escritora descreve o seu ato de escrita: “Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador” (Lispector,

1999, p. 134), ou seja, sua escrita aponta, sugere, aproxima-se do objeto, sem deixá-lo ‘sufocar’ pelo excesso de signos linguísticos.

Nesse processo de tecitura narrativa de Clarice, verifica-se o uso de determinados recursos, como seu trabalho minucioso com a linguagem, em que se percebe a maneira como a escritora revaloriza a palavra, apresentando-a com novos significados, em que se delineiam metáforas, paradoxos, personificações, aliteraões e elementos simbólicos, que ajudam a construir imagens e a criar sonoridades. Assim, segundo Barbosa e Moraes (2007-2008), “essa constante reinvenção da linguagem poética e da vida é que torna a escritura de Clarice um texto revitalizador da língua portuguesa e da literatura brasileira” (Barbosa; Moraes, 2007-2008, p. 82).

Além desses recursos, observa-se nas obras intimistas e psicológicas de Clarice Lispector, a presença da quebra do tempo no encadeamento das narrativas, o uso do fluxo de consciência ou monólogo interior e a epifania, em que suas personagens captam o significado de uma situação do cotidiano ou um objeto; ou seja, é o momento em que as personagens atravessam a sequência dos fatos numa perspectiva reveladora do ser no mundo e “... essa visão última, estonteante, que provoca do espírito a tensão máxima da angústia e do silêncio, atravessa o corpo aparente das coisas para atingir a existência universal em sua nudez” (Nunes, 1969, p. 127).

Nota-se que a escrita de Clarice Lispector trouxe uma renovação na ficção literária brasileira, em virtude do caráter introspectivo, filosófico, existencial e social, revelada por meio do labor da linguagem, a qual não é manifestada apenas no significado das palavras, mas nas lacunas do texto literário. Assim, Clarice descreve as ideias manifestadas nas entrelinhas de suas produções: “Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas” (Lispector, 2001, p. 17).

Entretanto, apesar de a obra de Clarice Lispector representar o universo feminino, tendo muitas protagonistas femininas, as temáticas abordadas em seus contos, crônicas e romances são abrangentes, pois são inerentes à condição humana, como a solidão, o enfraquecimento das relações familiares, o amor, a angústia e a velhice, um dos objetos da análise a seguir.

UM CORPO A PROCURA DE DIGNIDADE

O conto “A procura de dignidade”, primeira narrativa da coletânea *Onde estivestes de noite*, de Clarice Lispector, narra o episódio em que uma senhora idosa se encontra no interior do Maracanã, onde irá conferir uma palestra; e no local não encontra ninguém. Ela mesma está perdida, percorre por túneis e corredores sem conseguir chegar a algum lugar ou ao menos sair dali. Em seguida, é revelado que a mulher tem 70 anos, e que reflete sobre a vida a partir da perspectiva de um corpo que carrega as marcas do tempo e da desilusão em relação ao amanhã, descrente da possibilidade de um destino. O conto é introduzido pelas seguintes passagens que nos permitem identificar outros significados para a situação descrita: “A Sra. Jorge B. Xavier simplesmente não saberia dizer como entrara. [...] O fato é que quando viu já estava dentro” (Lispector, 2020, p. 6).

O conteúdo do trecho, portanto, pode ser entendido como uma metáfora do passar do tempo, de como o tempo transcorre depressa e tudo muda sem que ao menos se consiga perceber, constatando-se apenas quando chega a velhice, que traz consigo, na pele, as marcas do tempo. Conforme afirma Beauvoir (1990, p. 99), na sua obra *A velhice*: “Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial; modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a própria história”.

Dessa forma, o cansaço físico e mental da senhora também é evidente, uma vez que mal consegue caminhar por entre os corredores, não consegue encontrar uma saída e por isso anseia pelo descanso, pela ajuda de alguém que trouxesse um pouco de conforto, quando só assim sua caminhada pelo lugar teria fim. A caminhada, o percurso trilhado por ela, por sua vez, pode ser associado à vida, à existência da mulher, que reconhece em seu corpo os sinais da velhice, o que evoca dor e desengano diante da vida. Tem-se, assim, a seguinte passagem:

Então a senhora seguiu por um corredor sombrio. Este a levou igualmente a outro mais sombrio. Pareceu-lhe que o teto dos subterrâneos eram baixos.
E aí este corredor a levou a outro que a levou por sua vez a outro.
Dobrou o corredor deserto. E aí caiu em outra esquina. Que a levou a outro corredor que desembocou em outra esquina (Lispector, 2020, p. 6).

A velha senhora parece trilhar por um caminho que não reconhece, um caminho que a leva por lugares desconhecidos, sem uma direção exata. Vislumbra-se então, pela

descrição, um labirinto, um percurso trilhado e no qual a mulher envereda cada vez mais sem a esperança de encontrar a saída, uma direção que a leve a algum lugar. Nesse sentido, pode-se correlacionar o espaço do Maracanã e seus corredores com o corpo da mulher, que é um espaço de vivências e memórias acumuladas, assim também como acumula o cansaço e percebe a chegada de um fim que se aproxima, o que desperta o desengano.

Revelando-nos mais detalhes sobre a condição da senhora, em certo momento o narrador expõe o seguinte: “ela que se forçava a não perder nada de cultural porque assim se mantinha jovem por dentro, já que até por fora ninguém adivinhava que tinha quase 70 anos, todos lhe davam uns 57” (Lispector, 2020, p. 6). Por esse fragmento, identificamos que um aspecto muito forte e que ainda fazia manter acessa a chama da vida na mulher, era o apreço pela intelectualidade, assim, conteúdos que despertassem tais vivências eram para ela motivos pelos quais ainda valia a pena continuar vivendo. Alimentar o intelectual talvez fosse como renovar as energias que ainda cada vez mais se esvaindo de seu corpo. Nesse sentido, estaria também nutrindo o espírito.

Além disso, é perceptível pela descrição que o corpo da senhora aparentava ser mais novo do que a sua idade parecia determinar e, no entanto, ela não o reconhecia assim. Para Beauvoir, a percepção que o outro tem em relação às mulheres são, por vezes, imagens repletas de imposições e preconceitos, então o sujeito feminino constrói uma imagem de si mesmo que:

[...] para sair da “crise de identificação”, é preciso aderir francamente a uma nova imagem de si mesmo (...). Mas geralmente somos apanhados desprevenidos e, para reencontrar uma visão de nós mesmos, somos obrigados a passar pelo outro: como esse outro me vê? Pergunto-o ao meu espelho. A resposta é incerta: as pessoas nos veem, cada um à sua maneira, e nossa própria percepção certamente não coincide com nenhuma das outras (Beauvoir, 1990, p. 363).

Desse modo, se tinha 70 anos, mas parecia ter 57, essa era a percepção do outro sobre ela, visto que, para a mulher, o peso da idade falava muito mais alto que a aparente conservação física do corpo, pois a idade representa para ela o fatídico destino que a espera: “o seu pequeno destino quisera-a perdida no labirinto” (Lispector, 2020, p. 7). Era assim que a senhora se encontrava, fora levada pelos anos que agora lhe pesavam sob as costas. “Cada vez mais a cruz dos anos pesava-lhe e a nova falta de

saída apenas renovava a magia negra dos corredores do Maracanã” (Lispector, 2020, p. 10).

Segundo Simone de Beauvoir, a velhice significa para as mulheres algo como a perda da feminilidade, portanto, o fardo que a idade representa e que implica para muitas uma “radical desqualificação” (Beauvoir, 1991, p. 361). No conto, o corpo é um peso do qual a mulher idosa não consegue se libertar. Ele a limita e a lembra o tempo todo do fim, por isso a desilusão, porque se encontra presa quando anseia por liberdade. “E isso de estar presa a um destino ocorrerá-lhe porque já começara sem querer a pensar em “aquilo” (Lispector, 2020, p. 12).

Depois de muito vagar pelos corredores do Maracanã, a velha senhora encontra alguém que a auxilia no encontro da saída daquele lugar, que, guiada pelo homem, parecera simples de encontrar. Logo após, depois de muito esperar, consegue um táxi que a leva para casa, não sem percalços até chegar lá, pois a mulher não conseguia guiar o taxista até seu endereço. Podemos, assim, mais uma vez, visualizar a metáfora do desencontro, da existência que não mais vislumbra ser guiada pelo próprio corpo. A percepção da imutabilidade de sua condição era inegável, fato que a mulher reconhecia.

aconteceu então que a senhora também pensou o seguinte: era tarde demais para ter um destino. Ela pensou que bem faria qualquer tipo de permuta com outro ser. Foi então que lhe ocorreu que não havia com quem se permutar: que quer que ela fosse, ela era ela e não podia se transformar numa outra única. Cada um era único. A Sra. Jorge B. Xavier também era (Lispector, 2020, p. 12).

É aqui, então, entendendo sua condição, que a mulher consegue se reconhecer, identificar sua trajetória e a singularidade de sua existência que embora pareça estar condicionada a um fim próximo, está relacionada com quem ela foi e continua sendo, determinação da qual não poderá escapar. Em meio a essa situação de desnortamento do sujeito feminino, é possível observar que a personagem passa por uma crise de identidade, em que:

O curso da vida se transforma em um espaço de experiências abertas, e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada pelo indivíduo como uma crise de identidade e o curso da vida é construído em termos da necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases de crise (Debert, 1998, p. 20).

Afinal, a mulher parecia viva por dentro, mas o externo do corpo a mostrava o contrário, e isso parecia determinar a condição que ela atribuía a si mesma. “Por fora – viu no espelho – ela era uma coisa seca como um figo seco. Mas por dentro não era esturrizada. Pelo contrário. Parecia por dentro uma gengiva úmida, mole assim como gengiva desdentada” (Lispector, 2020, p. 12).

As marcas do tempo no corpo físico evidenciam então, para a mulher, a inutilidade de sua existência, elas impõem limitações que a impedem de transcender a um estado de reconhecimento das potencialidades do viver. Nessa perspectiva, nota-se que a aproximação das mulheres resulta numa experiência assustadora e terrível, uma vez que elas têm sido “socializadas e treinadas para temer a velhice. Negando o próprio processo de envelhecimento” (Salgado, 2002, p. 12), ou seja, que deveriam estar condicionadas apenas à juventude, sendo que a vida é uma soma de experiências que nos constituem enquanto sujeitos. A velha mulher “agora estava emaranhada naquele poço fundo e mortal, na revolução do corpo. Corpo cujo fundo não se via e que era a escuridão das trevas malignas de seus instintos vivos como lagartos e ratos” (Lispector, 2020, p. 13).

Observando o universo narrativo do conto e estabelecendo relações com o social, é evidente que provavelmente as limitações do corpo em questão também estão relacionadas com o próprio controle e a cobrança estabelecidos pelo social para a mulher. Conforme Michael Foucault nos lembra, “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (Foucault, 2004, p. 126).

Nesse caso do corpo feminino representado na narrativa, ele é prisão, significa a dor, a negação, o desejo de não existência e, ao mesmo tempo, é liberdade, pois identifica o sujeito, suas marcas, história e identidade. Nesse sentido, conforme Elódia Xavier (2007, p. 179), “A aceitação da ‘inconstância’, isto é, da fluidez, significa a liberação de esquemas predeterminados, coercitivos e repressores, própria de um corpo liberado”. O mesmo corpo que prende a protagonista no tempo e no estágio em que se encontra, é também um instrumento de evolução e de aprendizado sobre o ser mulher e existência feminina.

Ali estava, presa ao desejo fora de estação assim como o dia de verão em pleno inverno. Presa no emaranhado dos corredores do Maracanã.

Presa ao segredo mortal das velhas. Só que ela não estava habituada a ter quase 70 anos, faltava-lhe prática e não tinha a menor experiência (Lispector, 2020, p. 14).

Diante da impossibilidade de aceitar as condições impostas pela idade e pelo corpo, a mulher se encontra numa difícil posição de encontrar uma saída para um impasse que provavelmente não conseguiria resolver. É aí, portanto, que somos apresentados ao desfecho da senhora Xavier, quando, em devaneio, solitária e apreciando o corpo em frente ao espelho, opta por encerrar poeticamente a própria vida: “Foi então que a Sra. Jorge B. Xavier bruscamente dobrou-se sobre a pia como se fosse vomitar as vísceras e interrompeu sua vida com uma mudez estraçalhante: tem! que! haver! uma! porta! de saiiiiída!” (Lispector, 2020, p. 14).

Assim, a leitura atenta do conto evidencia ao leitor as dificuldades existentes na aceitação da velhice do corpo, das marcas impressas pelo tempo na carne da mulher. Essas marcas, ao mesmo tempo, são sinônimo da força que a idade carrega e de que nunca é tarde para buscarmos em nosso interior a verdadeira essência do existir. Viver, assim, é um complexo exercício de conviver com nós mesmos, quando nem sempre somos capazes de nos reconhecer. O corpo, nesse sentido, é a morada que nos prende, mas que simultaneamente nos liberta.

Considerações Finais

O corpo feminino tem sido objeto de análise na literatura sob diferentes perspectivas, desde sujeito à ótica da beleza, a qual expressa vigor, prazer, fascínio, até sob o alvo de expor as marcas trazidas pelo tempo na composição física da mulher como indicação de seu papel social.

Nesse sentido, é que se apresenta a escrita de Clarice Lispector, pela representação de personagens conhecidas pela sua profundidade e estilo introspectivo, explorando questões íntimas e existenciais, capazes de fixar o indivíduo em crises de consciência e inconsciência, em busca da essência da vida e da identidade humana.

Na narrativa analisada, nota-se a relação da personagem com as marcas do tempo deixadas em seu corpo, em que se percebe uma profunda e angustiada reflexão sobre a velhice no corpo feminino. Desse modo, observa-se que o conto apresenta uma discussão sobre a dificuldade que a mulher tem em aceitar a velhice, muitas vezes devido ao preconceito que é direcionado a ela. Assim, conforme Debret (1994), trata-se

de uma condição de “[...] dupla vulnerabilidade com o peso somado de dois tipos de discriminação enquanto mulher enquanto idosa” (Debert, 1994, p. 33).

Contudo, o enredo revela também que o inconformismo da personagem, no intuito de ressignificar o papel da mulher idosa na sociedade, ou seja, libertar-se dos estereótipos, dos padrões pré-determinados, pois “nomear a velhice (...) em diferentes períodos históricos iluminam o ponto de partida da reflexão sociológica sobre o tema, que considera a velhice uma construção histórica e social” (Debert, 2011, p. 546).

Entretanto, tem-se no conto analisado, um prenúncio para novos olhares e reconfigurações de papéis sociais sobre a questão da velhice, pois a escrita de Clarice Lispector nos apresenta reflexões e dilemas subjetivos sobre essa fase da vida, demonstrando que as mulheres estão sempre sendo subjugadas e expostas a valores antagônicos, mas que elas têm e podem encontrar uma saída e sua dignidade.

Referências

BARBOSA, V. M. C.; MORAES, V. L. A de. A linguagem de Clarice Lispector como desautomatização da vida. *Revista de Letras*, Vol. 1/2, n. 29, p. 81-84, 2007-2008.

BARBOSA, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 24- 34, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e Envelhecimento: os Programas para a Terceira Idade e o Movimento dos Aposentados. *Revista Estudos Feministas*, v. 2, n. 3, p. 33-51, 1994.

DEBERT, Guita. Pressupostos da Reflexão Antropológica Sobre a Velhice. In: DEBERT, Guita Grin. *Antropologia e Velhice: Textos Didáticos*, n.19, IFCH, 1998.

FOUCAULT, M. “*Os corpos dóceis*”. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 16ª edição. São Paulo: Global, 2006.

REIS, Margareth de Mello Ferreira dos. *Mulher: um produto com data de validade*. São Paulo: O nome da Rosa, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Onde estivestes de noite* [recurso eletrônico]. 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Os melhores Contos*. São Paulo: Global, 2001 (seleção de Walnice Nogueira Galvão).

MEYER, Dagmar E. Estermann. *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Ed. Sinodal, EDUNISC, 2000.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. MULHER IDOSA: a feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SILVA, Carla da. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. *Revista Direito em Foco*. 5. ed, p. s/n, 2012.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

Recebido em: 27/01/2023

Aceito em: 27/02/2024